

INTRODUÇÃO

O Morro São Pedro, localizado na zona sul de Porto Alegre (RS), possui o maior fragmento de Mata Atlântica do município, albergando importantes representantes da flora e fauna nativa, como o bugio-ruivo (*Alouatta guariba clamitans*), espécie ameaçada de extinção na categoria vulnerável. Nessa área está sendo implantado o Refúgio de Vida Silvestre Morro São Pedro (RVSMSP), cuja elaboração do plano de manejo exigiu o

conhecimento da entomofauna vetora para a elaboração de estratégias de proteção da fauna silvestre e da população humana do entorno. O objetivo desse estudo foi realizar o levantamento da entomofauna relacionada a veiculação de agentes patogênicos na área



Figura 1 - *Alouatta guariba clamitans*

do RVSMSP oferecendo subsídios para a elaboração do seu Plano de Manejo da unidade de conservação.

MATERIAL E MÉTODOS

O levantamento de dados primários foi realizado na primavera de 2015 em oito pontos amostrais, para maior representatividade: 4 pontos em floresta (F1, F2, F3 e F4), 2 pontos em campo (C1 e C2), e 2 pontos urbanos (U1 e U2), externos à reserva. Nas coletas diurnas, realizadas entre 9h e 15h, foi empregada a técnica de aspirador de Nasci, com esforço amostral de 15 min por área, e coleta manual, realizada por dois coletores por 2h em cada ponto. As coletas noturnas foram realizadas através de armadilha luminosa CDC, entre 18h e 6h. No ponto de F4, foi ainda aplicado exclusivamente o método de barraca de Shannon, entre 17h e 21h.

RESULTADOS

Foram coletados 213 culicídeos de 12 categorias taxonômicas (Quadro 1). As maiores abundâncias foram observadas para *Aedes serratus* e *Coquillettidia* sp., representando, 36,2% e 24,9% do total. Mais da metade dos insetos foram coletados na F4, o que se deve a aplicação de um método de coleta diferente nesse ponto, a barraca de Shannon.

Quadro1- : Entomofauna da área de influência RVSMSP, Porto Alegre, 2015.

TAXA	F1	F2	F3	F4	C1	C2	U1	U2	Total
Culicidae									
Anophelinae									
<i>Anopheles neivai</i>				4					4
Culicinae									
<i>Aedes albopictus</i>							10	2	12
<i>Aedes serratus</i>	3		4	67				2	77
<i>Aedes</i> sp.	1	2		6					9
<i>Coquillettidia</i> sp.				53					53
<i>Culex</i> spp.				10	2	3	2	3	20
<i>Haemagogus leucocelaenus</i>		4		2					6
<i>Mansonia titillans</i>	1			10					11
<i>Psorophora ferox</i>	2	2		5	2	3		3	17
<i>Psorophora</i> sp.			1						1
<i>Sabethes intermedius</i>	1	1							2
<i>Uranotaenia</i> sp.				1					1
	8	9	6	157	4	7	12	10	213

DISCUSSÃO

Dentre os mosquitos coletados destacam-se as espécies relacionadas a transmissão do vírus da febre amarela, sendo o *Haemagogus leucocelaenus* (Dyar & Shannon, 1924) e *Aedes serratus* (Theobald, 1901) vetores primário e secundário da febre amarela silvestre no RS (Cardoso et al., 2010) e *Aedes albopictus*, vetor secundário da febre amarela urbana (Forattini, 2002).

As espécies de bugios, incluindo *A. g. clamitans*, são extremamente sensíveis à infecção do vírus amarelo, sendo a contaminação, mesmo que em doses ínfimas, o óbito é inevitável (Vasconcelos, 2003).



Figura1: *Hg. leucocelaenus*

Entre 2008 e 2009 um grande surto de FAS atingiu o RS, resultando no extermínio de populações inteiras da espécie. A coexistência desse símio e o



Figura 2 - *Ae. albopictus* (WRBU, 2016)

principal vetor FAS do RS criam um cenário potencialmente perigoso para o desenvolvimento da doença, podendo, um surto dizimar a população local, comprometendo ainda mais a situação conservação da espécie.

A febre amarela possui um ciclo urbano, mantido entre *Aedes aegypti* (Linnaeus, 1762) e humanos, e outro silvestre, entre espécies de vetores, principalmente dos gêneros *Sabethes* e *Haemagogus*, e vertebrados silvestres.

Nas últimas décadas a febre amarela tem se manifestado apenas na forma silvestre. Entretanto, vem sendo discutida a possibilidade de ressurgimento da forma urbana da doença, extinta no país desde a década de 40. Alguns pesquisadores acreditam que *Aedes albopictus* (Skuse, 1894) possa atuar como elo



Figura 3 - *Ae. serratus* (WRBU, 2016)

entre os dois ciclos da febre amarela. Sob essa perspectiva, a ocorrência de *Aedes albopictus* observada na área mais urbanizada no entorno do RVSMSP e *Hg. leucocelaenus* nas áreas de floresta, assinalam o perigo potencial de reurbanização da febre amarela, frente a um surto da forma silvestre da doença.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. A. B. d., Santos, E. d., Cardoso, J. d. C., Fonseca, D. F. d., Noll, C. A., Silveira, V. R., Maeda, A. Y., Souza, R. P. d., Kanamura, C. and Brasil, R. A. (2012). Yellow fever outbreak affecting *Alouatta* populations in southern Brazil (Rio Grande do Sul State), 2008–2009. *Am. J. Primatol.*, 74: 68–76. doi: 10.1002/ajp.21010
- Cardoso, J. D. C., De Almeida, M. A., SANTOS, E. D., FONSECA, D. F. D., Sallum, M. A., Noll, C. A., ... & Castro, F. C. (2010). Yellow fever virus in *Haemagogus leucocelaenus* and *Aedes serratus* mosquitoes, southern Brazil, 2008. *Emerging infectious diseases*, 16(12), 1918-1924.
- FORATTINI, O. P. (2002). *Culicidologia médica: identificação, biologia, epidemiologia* Vol. 2 (Vol. 2). Edusp.
- VASCONCELOS, P. F.C. (2003). Febre amarela. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, 36(2), 275-293.
- WRBU (2016) *Walter Reed Biosystematics Unit. Disponível em: http://www.wrbu.org/ Acesso em: julho de 2016*